

Eduardo Moreira

Economia do desejo

A farsa da tese neoliberal

1ª edição



CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA

Rio de Janeiro
2020

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Moreira, Eduardo

M837e Economia do desejo [recurso eletrônico]: a farsa da tese neoliberal / Eduardo Moreira; [texto de orelha Betto]; [prefácio Luiz Gonzaga Belluzzo]. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2020.

recurso digital

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 9788520014158 (recurso eletrônico)

1. Economia. 2. Consumo (Economia) – Aspectos sociais. 3. Capitalismo. 4. Neoliberalismo. 5. Livros eletrônicos. I. Betto. II. Belluzzo, Luiz Gonzaga. III. Título.

20-63994

CDD: 330.122

CDU: 330.142.1

Leandra Felix da Cruz Candido – Bibliotecária – CRB-7/6135

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, o armazenamento ou a transmissão de partes deste livro, através de quaisquer meios, sem prévia autorização por escrito.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos desta edição adquiridos pela
EDITORA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA

Um selo da

EDITORA JOSÉ OLYMPIO LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000.

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

SUMÁRIO

Prefácio

Introdução

1. A lógica capitalista
2. A economia do desejo
3. O Estado e a economia da necessidade
4. A economia do ódio
5. Conclusão — paz e guerra

Dedico este livro a Juliana, Francisco, Catarina e Maria Eduarda, onde busco força e serenidade para seguir adiante.

PREFÁCIO

Luiz Gonzaga Belluzzo

Abrigado nas trincheiras domésticas para escapar da mortal artilharia do Coronavírus, recebi um gentil telefonema de Eduardo. Sempre descontraído em seu sotaque carioca que me desperta agradáveis lembranças dos anos de Colégio Santo Inácio, Eduardo sugeriu que eu assumisse o encargo de escrever o prefácio de seu novo livro.

O título *Economia do desejo* suscitou a esperança de encontrar uma narrativa que escapa aos espartilhos que aprisionam a “razão econômica” nos calabouços de teorias ignorantes da complexidade da ação humana na sociedade dos indivíduos. Foi, de fato, o que encontrei.

O espartilho é a fábula do indivíduo racional e maximizador da utilidade. Nas versões eruditas ou nas traduções vulgares, a hipótese da racionalidade individual é um pressuposto metafísico da ideologia dominante, necessária para apoiar a “construção” do mercado como um servomecanismo capaz de conciliar os planos individuais e egoístas dos agentes.

Para esse paradigma, a sociedade onde se desenvolve a ação econômica é constituída mediante a agregação dos indivíduos, articulados entre si por nexos externos e não necessários, tais como os que atavam Robinson Crusóe a Sexta-Feira.

Ainda no alvorecer do século XVIII, *A fábula das abelhas*, de Bernard de Mandeville, buscou a sociedade ideal trafegando na faixa da moral individualista, racionalista e utilitarista. Vícios privados, virtudes públicas. Mandeville conta a história de uma colmeia próspera e progressista, ambiente em que prevaleciam os vícios egoístas de todos os habitantes, incluído o roubo do produto alheio. Esse comportamento foi interceptado, em certo momento, pela nostalgia da moral cristã, a nostalgia da virtude. As abelhas resolveram retroceder, voltar à prática da virtude. A prosperidade se converteu na decadência.

Voltaire acolheu ironicamente as peregrinações de Leibniz e Mandeville. No *Cândido, ou O otimismo*, o ilustre iluminista encarregou o professor Pangloss de justificar as múltiplas formas do mal: “Tudo isso era indispensável [...]; infortúnios particulares fazem o bem geral.” Isso permitiu que Cândido formulasse uma definição da filosofia de Pangloss: é preciso dizer que está tudo bem quando as coisas andam mal.

Já no primeiro capítulo do livro, Eduardo oferece aos leitores a narrativa de um episódio revelador das insidiosas práticas pseudocientíficas que abarrotam o mundo contemporâneo. Ao ministrar uma aula na Casa do Saber, foi interpelado por um cavalheiro de fino trato a respeito das críticas do palestrante ao neoliberalismo. O gentil cavalheiro manifestou sua discordância de forma cortês. Seu argumento foi ilustrado com o sucesso inequívoco das economias da Holanda, Dinamarca, Suécia, Noruega, Finlândia, Canadá.

Nos debates corriqueiros com amigos e colegas neoliberais, Eduardo era frequentemente contraditado com a exibição do ranking dos países mais bem-sucedidos. Esse ranking era construído a partir de um índice elaborado pela Heritage